

DA ESCOLA PARA SALA DE AULA: PERCURSO E MEMÓRIA DE UMA PROFESSORA INDÍGENA KRAHÔ

FROM SCHOOL TO CLASSROOM: JOURNEY AND MEMORY OF A KRAHÔ INDIGENOUS TEACHER

¹Jane Guimarães SOUSA, ¹Eliana dos Santos ANDRADE, ¹Lázaro Raimundo COURA,
¹Rosemeire HONDA, ¹Ângela Maria Dias MORAIS

¹Faculdade de Ciências do Tocantins

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar, a partir de sequências discursivas, a relação que uma professora indígena Krahô estabeleceu com a escola ao longo de sua infância e adolescência, e apresentar a forma como o passado contribuiu e contribui para sua atuação pedagógica em sala e aula. Para tanto, este estudo se baseará nos pressupostos metodológicos da pesquisa qualitativa e nas bases teóricas da Análise do Discurso e da história oral, tendo como fundamento as discussões de Orlandi (1999;2007;2012), Thompson (1998), Lozano (2006), Joutar (2000) e Portelli (2010). Já para a análise e constituição do *corpus*, selecionamos sequências discursivas extraídas de uma entrevista realizada com este sujeito-professor indígena Krahô, da aldeia Pedra Branca, cuja trajetória da vida escolar se inicia de forma diferenciada, pelo fato deste sujeito ter estudado muitos anos na cidade.

Palavras Chave: Professor Indígena; História Oral; Povo Krahô.

Abstract

This paper aims to present, from discursive sequences, the relationship that an indigenous teacher Krahô established with the school throughout her childhood and adolescence, and present the way the past contributed and contributes to her pedagogical performance in Room and class. To do so, this study will be based on the methodological assumptions of qualitative research and on the theoretical bases of Discourse Analysis and Oral History, based on the discussions of Orlandi (1999, 2007, 2012), Thompson (1998), Lozano, Joutar (2000) and Portelli (2010). For the analysis and constitution of the corpus, we selected discursive sequences extracted from an interview with this indigenous subject-teacher Krahô, from Pedra Branca village, whose trajectory of school life begins in a differentiated way, because this subject has studied many years in the City.

Keywords: Indigenous Teacher; Oral History; Kraho people.

INTRODUÇÃO

A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhe dar um passado. Ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas

THOMPSON (1998, p. 337).

A proposta deste trabalho é relatar, por meio de sequências discursivas, um pouco da memória escolar de um sujeito-professor indígena Krahô, suas particularidades a respeito de seu percurso escolar e estabelecer uma relação do passado com suas práticas pedagógicas atuais.

O presente artigo aponta os elementos discursivos extraídos de uma entrevista realizada com uma professora indígena Krahô⁶ da aldeia Pedra branca, situada as margens do rio Tocantins entre os municípios de Itacajá e Goiatins.

Conforme Thompson (1998)¹ a história oral tem a possibilidade de ser devolvida às pessoas através de suas próprias palavras, além de permitir um passado, ajuda a ir em direção de um futuro que é construído por elas próprias.

Para a análise deste trabalho destacamos a formação discursiva que nos moldes Orlandi (1999)² nos “permite compreender o processo de produção dos sentidos, a relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso”. Já para Foucault (1986)³ é como “um feixe complexo de relações que funcionam como regra”, pois prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que a mesma se refira a tal ou qual objeto ou enunciação, para que utilize tal conceito, para que organize tal ou qual estratégia. O autor ainda aponta que “definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso

ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática”.

No que diz respeito à História Oral, Rivera *apud* Mignolo (2002)⁴ afirma que “es un ejercicio colectivo de desalienación, tanto para el investigador como para su interlocutor”, assim, para o registro da memória dessa professora indígena Krahô seguimos os pressupostos desta teoria. Para se trabalhar com a história oral é importante valorizar a memória do sujeito, pois para Gusmão (2004)⁵ “o estudo da memória deve inserir-se numa tentativa de compreender o lugar onde o sujeito é produzido, pois lembrar é refazer, reconstruir, repensar, com ideias e imagens de hoje, com as experiências do passado”. Sendo assim, é notório frisar que é a partir da memória que os sujeitos se constituem, constituem o seu presente, suas culturas, valores e universo cosmológico.

1. Análise do Discurso: Algumas Considerações

A Análise do Discurso tem seu início na década de 60, tendo como interesse o funcionamento da língua e os efeitos de sentido no discurso, que etimologicamente significa a idéia de curso ou movimento através da linguagem, que é profetizada pelo sujeito, o Homem.

Segundo Orlandi, (2007)⁶, a Análise do Discurso, como o seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora seja tecido por ela também, a AD trata do discurso. A Análise do Discurso faz parte do campo da linguística, tendo como foco observar as condições ideológicas presentes em um discurso ou texto. Faz parte das ciências humanas e traz reflexões sobre o discurso, que é a prática social de produção de textos.

Para entendermos melhor, a A.D, é uma prática do Sujeito sobre o mundo: que remete a um efeito de sentido; nesse local o discurso tem

⁶O povo Krahô vive em uma reserva indígena que ocupa uma área de aproximadamente 3.200 km². Esta reserva situa-se entre os municípios de Itacajá e Goiatins.

um efeito, em outra situação ocasionará outro efeito de sentido.

A Análise do Discurso estuda a relação entre língua e ideologia. Tendo em vista essa relação, Pêuchex (1975 apud Orlandi, 2007)⁶ diz que “não existe sujeito sem ideologia e sujeito sem discurso”.

Orlandi (2012)⁷ que diz: “a língua tem certa autonomia, não é fechada, há uma abertura do simbólico, não é em si que interessa a língua, mas a forma como é praticada, produzindo sentidos, dentro da sociedade e da história”. Para tanto, temos a Análise do Discurso como uma produção do sujeito na história, que utiliza a linguagem como lugar para que as manifestações ideológicas se materializem.

1.1. A Busca pela memória através da História Oral

Como foi apresentado anteriormente, o objetivo do nosso trabalho é relatar, por meio de sequências discursivas, um pouco da memória de uma professora indígena Krahô, por meio de suas vivências passadas no âmbito escolar. Para isto, utilizamos a História Oral, por que além de ser uma disciplina também é um método que se encarrega de resgatar, reconstruir e analisar a memória de vários sujeitos. Partindo desta premissa, Lozano (2006)⁸, por sua vez, entende que a história oral busca, por meio da oralidade, destacar sua análise no olhar interior da “experiência dos atores sociais”, .

Já Portelli (2010)⁹ descreve que “a história oral é uma forma específica de discurso: história evoca uma narrativa do passado; o oral indica um meio de expressão”.

A história oral de acordo com Joutar (2000)¹⁰ também tem como objetivo dar voz às pessoas excluídas, ou melhor, esquecidas/sem voz, o que nos remete a Nuno Revelli, pioneiro da história real: “os derrotados”. A história oral, portanto, deve continuar mostrando que “cada indi-

víduo é ator da história”.

Assim, o sujeito que constitui este trabalho é um sujeito-mulher, sujeito-professor, sujeito-mãe e sujeito-indígena. Nota-se que este sujeito ocupa várias posições de “pouca voz”, ou seja, sabemos que nas sociedades indígenas as mulheres quase não se pronunciam, mas não iremos aprofundar nestas questões, uma vez que, este não é o nosso objetivo.

Nesta ótica, a busca da trajetória desta professora indígena Krahô traz a tona experiências de um passado que, por sua vez, estavam guardados e que de alguma forma poderiam chegar ao esquecimento. Para que essa memória não chegasse a um apagamento, utilizamos como metodologia um recurso de registro oral “gravação”. Para tanto, realizamos uma entrevista que se desenvolveu de forma “natural”, e mesmo guiados por perguntas fixas conseguimos desenvolver uma conversa “natural” e por fim inserimos as perguntas propostas sem levar ninguém a um constrangimento.

2. Metodologia

O caminho metodológico deste trabalho foi constituído de uma entrevista realizada em um curso de formação de professores indígenas, a partir deste *corpus* “entrevista”, fizemos uma análise pelo viés da Ad e da História oral.

Assim, no que se refere à entrevista em si, nos baseamos nos moldes de Thompson (2002)¹¹ que afirma que para sermos bem sucedidos ao entrevistar precisamos de habilidade. Porém, há muitos estilos diferentes de entrevista, para isto, o referido autor dá subsídios de como, onde e quando entrevistar, além de passar informações básicas de como se preparar para entrevistar e como organizar as idéias. Nesse sentido, Thompson (2002)¹¹ considera que: há algumas qualidades que o entrevistador bem-sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e

simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar.

De acordo com o que foi exposto pelo autor retro mencionado podemos perceber que, um bom pesquisador necessita respeitar o entrevistado e acima de tudo ter um compromisso ético com o participante da entrevista¹¹.

E no que se refere à ética na pesquisa, nos basearemos no Código de Nuremberg, de 1949, que afirma que em pesquisas com presença de seres humanos, as pessoas têm o direito de “exercer o livre direito de escolha de participar ou não do estudo, sem qualquer intervenção de elementos de força, fraude, mentira, coação, astúcia ou outra forma de restrição posterior”. Partindo deste pressuposto, o nosso trabalho seguiu os moldes éticos, pois acreditamos que devemos respeitar o direito e a cultura do outro.

2.1. Tratamento dos Dados

Para seguir os moldes éticos do Código de Nuremberg¹², optamos por manter a identidade da professora participante desta pesquisa em sigilo, para isto, adotamos o termo “Sujeito-professor A” para nomeá-la.

2.2. Análise do Corpus

Para a constituição do corpus deste trabalho apresentaremos algumas sequências discursivas de uma entrevista realizada com um sujeito-professor indígena Krahô a respeito de suas lembranças vivenciadas nos seus primeiros tempos de escola.

O sujeito-professor “A” ao ser questionado sobre suas lembranças passadas do período em que era sujeito-aluno, respondeu da seguinte forma (as respostas relacionadas a essas perguntas estão contidas nos quadros 1 e 2):

Excerto 1⁷

Assim, na cidade quando eu tava, era me obrigava pra mim ir na escola por que... A água, ah! Era muito fria pra mim acordar cedo ... Eu tem que seis hora, pra mim tomar banho, arrumar minhas coisa e...oito e meia eu tem que tá lá na estrada pra pegar ônibus e assim, ia pra escola, lá eu foi me obrigado comigo.

Com base no que foi exposto no quadro nº 1 podemos dizer que sujeito- professor “A” teve oportunidade de conhecer e de vivenciar formações discursivas diferentes da “aldeia indígena Krahô” que é o seu meio familiar e social. Para o sujeito-professor, as experiências vividas na cidade remetem lembranças que se relacionam à “obrigatoriedade”. Na formação discursiva na qual o sujeito- professor estava inserido, ir à escola era obrigação, ora pela água ser “muito fria”, ora pela “estrada pra pegar ônibus”.

Neste sentido o sujeito professor ocupa o lugar de sujeito “obrigado” “forçado” a estudar na cidade, entretanto é importante destacar que essas experiências negativas não atrapalharam na formação do mesmo, uma vez que, sempre recebeu elogios de seus professores “me falaram que eu era a mais bom aluno era eu”. Para tanto, observamos que por mais difícil que fosse a vida desta professora enquanto sujeito-aluno na cidade, seu desempenho não foi atrapalhado por essa memória negativa de “obrigatoriedade”.

Excerto 2

Eu não tava na aldeia, eu tava na cidade, estudando... Alí que eu me aprendei um pouco né? “eu já sei mais impej⁸ do que aldeia, por que eu tava na cidade”.

⁷Os modelos dos quadros foram retirados do texto de ASSOLINI (2010) e adaptados para este texto.

⁸Impej: palavra de origem Krahô, Tradução: bom, legal, bonito, melhor.

Nesse discurso o sujeito- professor “A” apresenta um grau de “superioridade” ao dizer “*eu sei mais imej do que na aldeia, por que eu tava na cidade*”, esse discurso é materializado a partir do momento em que o sujeito-professor complementa que sabe mais “porque estava na cidade”. Nesta ótica, esse discurso se constitui com a chamada relação de forças, que para Orlandi (1999)² “o lugar a partir do qual o sujeito fala é constitutivo do que ele diz”. Assim, no momento da entrevista, esse sujeito fala a partir do lugar de professor que está participando de uma formação continuada na **cidade**, no entanto, acreditamos que suas palavras poderiam significar de modo diferente caso falasse no lugar de professor na **aldeia**. Partindo do discurso realizado pela professora, é importante destacar que “a nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na comunicação”. Neste sentido, o discurso do sujeito-professor destaca que: o estudo na cidade vale (significa) mais do que o estudo na aldeia.

De acordo com Orlandi (1999)² “as palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que alojam na memória”. Segundo esta abordagem percebe-se aí que a professora adquiriu um ‘dizer’ estabelecido no meio ocidental, ou seja, sabemos também que este dizer não é deste sujeito, assim, “eu sei mais imej que na cidade” pode ter sido estabelecido devido o lugar em que o sujeito estava ocupando no momento ou devido o contato com o meio ocidental. Então, o que se pode dizer do discurso do sujeito professor? Será que se esse mesmo discurso fosse realizado na aldeia haveria outro significado? O lugar onde o discurso foi materializado condiz com o que o sujeito quis dizer? Enfim, essa relação de superioridade que o sujeito professor estabelece entre o ensino da aldeia e da cidade, a Ad chama de formação ideológica “confronto de forças em um dado

momento histórico”. Essa formação ideológica Mussalim (2006)¹³ caracteriza como “um elemento (determinado aspecto da luta dos aparelhos) susceptível de intervir como uma força confrontada com outras na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado”. A autora destaca que cada formação ideológica é constituída por um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais”, nem “universais” “mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas com as outras”.

A autora supracitada ainda afirma que “uma formação ideológica comporta necessariamente mais de uma posição capaz de se confrontar uma com a outra”. Nesse sentido, “numa formação ideológica, as forças não precisam estar necessariamente em confronto; elas podem entreter entre si relações de aliança ou também de denominação”. Assim, é na formação discursiva que se articulam o discurso e a ideologia. Nesta ordem, a formação discursiva do sujeito professor se dá por meio do discurso de “superioridade perante o ensino da cidade” e a formação ideológica pela força ideológica deste grau de inferioridade diante do ensino da aldeia.

Excerto 3

Por que você quis ser professora? Eu sempre achei bonito, assim quando as professora fica ensinando os outros eu sempre achei legal, achei interessante e eu sempre me apaixonei por aula (...) Porque eu queria me sair da aldeia, passear... Me aprender mais uma coisa da professora... Eu queria isso aqui mermo o meu sonho foi sempre pra professora mermo.

Coracini (2003)¹⁴ destaca que “[...] todo contato com o outro deixa marcas indeléveis, suturas que não podem ser apagadas, como também é impossível apagar as marcas da própria his-

tória, inscrições que passam pelo corpo, se fazem carne e sangue”, essas marcas estão guardadas em nossas memórias. Assim, percebemos que o sujeito-professor “A” foi despertado a profissão docente devido vários elementos como (gostar, beleza, sonho, interessante), assim é importante destacar também o papel da professora deste sujeito, pois “assim quando as professora fica ensinando os outros eu sempre achei legal”, pois a mesma contribuiu de forma indireta para a decisão profissional deste sujeito-professor.

Excerto 4

Em sala de aula você usa algum método que teu professor lá no passado usava? (...) Eu usa mais é ditado que a professora passa⁹. (...) É ...quando eu tenho que prajenar NE? planejar antes pra mim ir na escola, eu tenho que organizar tudo o quê que eu vou passar amanhã na escola...e eu vou fazer uma coisinha lá preparadinha pra mim levar na escola pra mim passar.

A professora indígena Krahô destaca que “eu usa mais é ditado que a professora passa”, portanto, neste trecho notamos que este sujeito faz uso de prática pedagógica utilizada por uma professora do passado. Neste sentido, o sujeito resgata um passado por meio de sua memória. Para Pollack (1992)¹⁵, a memória deve ser compreendida como um fenômeno social, isto é, “como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”.

Para Orlandi 1992 apud Assolini (2010)¹⁶ o dizer consiste em atualizar certos sentidos, apagar e interditar outros, sendo assim, o sujeito professor “é interpelado ideologicamente, nas práticas pedagógicas”. Pois a sua memória discursiva se relaciona com as ações, práticas e sentimentos

das professoras passadas e isso, é transmitido em suas práticas pedagógicas atuais.

Nessas sequências discursivas, tentamos compreender os motivos que levaram este sujeito-professor “A” seguir sua carreira profissional docente, e concluímos que esta escolha se deu devido as experiências passadas dos seus “professores e suas práticas”, notamos também que a memória deste sujeito contribuiu para as suas práticas pedagógicas atuais fossem trabalhadas.

Com base no que foi exposto, percebemos que o passado para este sujeito professor foi um elemento fundamental para sua formação docente, ora por achar legal e interessante, ora pela beleza da docência. O sujeito professor recorda que este sempre foi o seu sonho e assim os elementos como (gostar, beleza, interessante) foram fatores que contribuíram bastante para a construção e concretização do sonho de se tornar professora.

Neste sentido, podemos destacar que, nesses relatos orais percorridos pelo sujeito-professor “A” esta memória foi marcada por lembranças boas e ruins a respeito da época em que era aluno, notamos também que as lembranças ruins da época em que este sujeito estava na cidade, não interferiram na escolha da sua profissão. Notamos que, por mais difícil que fosse para este sujeito “acordar cedo e banhar na água fria” o mesmo ainda guarda lembranças boas de seus professores, práticas pedagógicas e do ensino em si.

Considerações Finais

Neste trabalho, apresentamos um pouco da história do povo Krahô, uma vez que, o sujeito entrevistado faz parte desta comunidade indígena. Para constituição do *corpus* do trabalho, selecionamos algumas sequências discursivas extraídas de uma entrevista realizada com um sujeito-professor indígena Krahô. A partir das sequências discursivas, realizamos uma análise que

⁹Os verbos em negrito “usa” e “passa” devem ser interpretados no tempo passado.

partiu dos pressupostos teóricos da Ad e da História Oral, bem como apresentar um pouco da memória deste sujeito professor.

A partir das análises, pudemos perceber que a memória desse sujeito-professor é constituída por lembranças “agradáveis e desagradáveis” que remetem um passado bom (sair passear) e ruim (acordar cedo, tomar banho na água fria).

Enfim, vimos também que as experiências passadas deste sujeito contribuíram para que o mesmo se tornasse um sujeito-professor.

Contudo, apresentamos neste artigo apenas algumas considerações a respeito da Ad e da História oral e buscamos esclarecer as teorias apontadas, através das análises dos relatos orais de uma professora indígena krahô.

REFERÊNCIAS

1. THOMPSON, P. **A voz do passado**. Trad. Lólio Lorenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
2. ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.
3. FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
4. MIGNOLO, W. “El potencial epistemológico de la historia oral: algunas contribuciones de Silvia Rivera Cusicanqui”. En: Daniel Mato (coord.): **Estudios y Otras Prácticas Intelectuales Latinoamericanas en Cultura y Poder**. Caracas: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO) y CEAP, FACES, Universidad Central de Venezuela. 2002. pp: 201-212.
5. GUSMÃO, Emery Marques. **Memórias de quem ensina História**: cultura e identidade docente. São Paulo: UNESP, 2004.
6. ORLANDI, E. P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.
7. ORLANDI, E.P. **Fala sobre análise do discurso e linguagem em entrevista**. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2012/11/eni-orlandi-fala-sobre-analise-dodiscurso-e-linguagem-em-entrevista.html>>. Acesso em: 20 de jan. de 2015.
8. LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.); AMADO, Janaína (Org.). **Usos e Abusos da História Oral**. 8. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.15-26.
9. PORTELLI, A. História Oral como gênero. In: **Proj. História**. São Paulo: EDUC v.22, 2001.
10. JOUTARD, P. Desafios à história oral do século XXI. In: Ferreira MM; Fernandes TM; Alberti V. (org). **História Oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Fiocruz/ Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC- FGV, 2000.
11. THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
12. TRIBUNAL INTERNACIONAL DE NUREMBERG. **Código de Nuremberg 1947** [online]. Disponível em: URL: <http://www.ufrgs.br/bioetica/nuremcod.htm>.
13. MUSSALIM, F; BENTES A, C. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras, v I. 8ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.
14. CORACINI, Maria José R. F. (org.) **Discurso e Identidade:(des)construindo subjetividades**. Campinas, Chapecó, Ed.da Unicamp e Argos, 2003.
15. POLLAK, M. Memória e Identidade Social. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
16. ASSOLINI, F. E. P. Professoras alfabetizadoras e suas leituras: história, memória e prática pedagógica escolar. **Práxis Educacional Vitória da Conquista** v. 6, n. 8 p. 33-54 jan./jun. 2010.

Corresponding author:

Keico Graciela Sano Trauth

Av. Universitária, 1105 - Universitário, Criciúma - SC,
88806-000. **J Business Techn.**

72 2017;3(1):72

Curso de Odontologia.

Tel: +55 (48) 3431-2796, +55 (48) 99662-6720.

E-mail: keicosano@unescc.net

Corresponding author:

Keico Graciela Sano Trauth

Av. Universitária, 1105 - Universitário, Criciúma - SC,
88806-000.

Curso de Odontologia.

Tel: +55 (48) 3431-2796, +55 (48) 99662-6720.

E-mail: keicosano@unesc.net